

24-04-2023

Se Calarmos as Pedras Gritarão

Lucineia Miranda de Freitas

[Militante do Movimento sem Terra - MST]

Candelária, Carandiru, Eldorado dos Carajás

A pedagogia do aço golpeia no corpo essa atroz geografia.

Pedro Tierra*

Então é abril. Dentre as muitas notícias e debates volta-se ao tema da legalidade das “invasões” ou da legitimidade das “ocupações”. E mesmo realizando uma jornada de ações celebrativas e de negociação, o MST assume as manchetes com a *Jornada Nacional de Luta pela Reforma Agrária*, nosso **Abril Vermelho**.

Antes de entrar na celeuma de “invasão ou ocupação” é importante resgatar a origem do dia 17 de abril, Dia Internacional de Luta pela Reforma Agrária, declarada pela Via Campesina, articulação mundial de movimentos camponeses. Data reconhecida no Brasil pela Lei nº 10.469, de 25 de junho de 2002, que tem como base a memória do massacre que ocorreu na curva do S, na cidade de Eldorado dos Carajás/PA, em 1996. Mas, cabe refletir que abril é um excelente mês para pensar a formação brasileira.

Em abril 22 celebra-se a chegada dos portugueses nas terras de Pindorama, dando início a uma história de violência contra os povos indígenas, tentativa de genocídio que já dura mais de 500 anos e segue em curso como se percebe com o caso do Povo Indígena Guarani Kaiowá e com a grave situação da Terra e do Povo Yanomami. Destaca-se abril como o início dos cercamentos das terras através das capitânicas hereditárias que marca a formação dos latifúndios, a destruição ambiental e a introdução das monoculturas, tudo estruturado com o uso da violência contra os povos indígenas e africanos. Africanos retirados de seu povo, trazidos no tráfico negreiro para a escravização nas lavouras, nos engenhos e na extração mineral (Freitas, 2022). Violência contra seres humanos que para apropriação do seu trabalho não eram reconhecidos como tal. Há também a violência contra a própria natureza, percebida como algo selvagem que deveria ser domada e transformada em recursos geradores da riqueza além-mar, ou, como denominou Santos (1993), violência enquanto relação de estranhamento com o espaço e o ambiente. Assim, o Brasil se estrutura com um modelo fundiário e agrário concentrador, degradador e violentador. Esse processo histórico nunca enfrentado nem resolvido gera uma Questão Agrária. De acordo com o boletim Data Luta é gerador da violência no campo: “*a violência no campo é fruto de uma Questão Agrária não resolvida pela sociedade, onde a Reforma Agrária não é incorporada como uma opção de desenvolvimento para o país*” (Data Luta, 2016).

Além da Reforma Agrária não ser uma opção de desenvolvimento para o país, há uma miopia para os problemas gerados pelo latifúndio: ampliação da fome, contaminação da vida por agrotóxicos, trabalho análogo à escravidão, degradação ambiental, crise climática, êxodo rural permanente e crescimento não planejado das cidades, violência difusa, assassinatos e massacres. Os massacres são o ápice da brutalidade desse modelo perverso “*os Massacres têm como característica, além de ampliar muito o número de mortes, provocar a completa desestruturação das comunidades, com relatos de horror e desespero por parte de quem sobrevive, o que assusta é o grau de brutalidade e crueldade que acompanha. Teatro do terror. Cadáveres degolados, carbonizados, ensanguentados, desfigurados. Mortes escritas com caligrafia sangrenta. Uma pedagogia do terror*” (Freitas, 2022; CPT, 2018). Assim, voltamos à origem do **Abril Vermelho**. No massacre de Carajás, no dia 17 de abril de 1996, a polícia militar do estado do Pará assassinou 21 pessoas, muitas à queima-roupa, outras com torturas. Mais de 50 pessoas ficaram mutiladas, e milhares de pessoas sobreviventes impactadas social e psicologicamente por terem presenciado tamanho ato de bestialidade. O vermelho do abril é como o vermelho da poesia de Bertolt Brecht.

Esta bandeira, É um lençol no qual transportamos

Alguém que morreu ontem.

Não temos culpa pela cor que ela tem.

*É vermelha do sangue dos homens assassinados,
você devem saber.*

“*Se Calarmos as pedras Gritarão*”, sintetizou o poeta (Pedro Tierra) no calor da indignação. Desde o ano de 1997, o MST realiza no mês de abril a *Jornada Nacional de Luta pela Terra*, denunciando que Carajás não é um caso isolado, muitos massacres o antecederam, mas muitos seguem acontecendo. Destaco aqui o massacre em Colniza/MT no dia 19 de abril de 2017, 21 anos depois, onde nove trabalhadores foram assassinados com requintes de crueldade. O que há de comum nesses processos? A impunidade, a conivência do Estado, as alterações na cena do crime, a não prisão dos mandantes, o não julgamento de ninguém. Paralelo a isso, viúvas, órfãos, mães sem filhos, pessoas arrasadas, centenas ou milhares de pessoas sem acompanhamento social, de saúde, sem teto, sem trabalho, sem comida, invisibilizadas, abandonadas. Nossa perspectiva aqui não é responder a essas questões, mas pensar que mesmo conquistando a tão necessária Reforma Agrária, o **Abril sempre será vermelho**, demarcando a resistência histórica dos povos indígenas e dos povos e comunidades do campo, dos quilombos, das florestas e das águas que nesses mais de 500 anos não se submeteram passivamente à exploração, opressão e violência impostas. Mas os debates postos nesse mês de abril nos colocam algumas inquietações e indagações.



**Por que as ocupações causam mais medo e indignação (mesmo nas pessoas pobres)
do que os massacres ou mesmo os assassinatos?
Por que a luta causa mais revolta do que a fome e a violência das milícias e das polícias?
Por que um pé de eucalipto vale mais que um ser humano (seja adulto ou seja criança)?
Essas perguntas nos remetem a outras, quem morre? Qual a sua origem? De onde vem? São filhos de quem?
Seguimos lutando e cantando por que Somos Militantes dessa Vida e
Se Calarmos as Pedras Gritarão.**

■ ■ ■

Referências

- Brasil. Lei nº 10.469, de 25/06/2002. Institui o Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária.
- CPT. *Conflitos no Campo Brasil 2017*. Goiânia: Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. CPT – Nacional, 2018.
- Freitas L.M. *Conflitos, violência e resistências no MATOPIBA - um olhar a partir da saúde pública*. Tese de Doutorado. Ensp/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2022
- Santos JVT. A cidadania Dilacerada. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 37, p.131-48, jun. 1993.

Nota: Versos do poema *Pedagogia do Aço*, de Pedro Tierra (2007), para denunciar o massacre dos trabalhadores sem terra em Eldorado dos Carajás (1996).

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*